

A comunicação veterinária e as decisões de final de vida

Paula Tavoraro, médica veterinária e pedagoga



Embora, na literatura veterinária, poucos artigos abordem o tema animais de companhia idosos, o conhecimento sobre esse assunto é essencial, seja pelo crescimento do setor ou pelo papel dos animais de companhia como membros da família (Fernandez-Mehler *et al.*, 2013; Heuberger *et al.*, 2016; Cooney *et al.*, 2021). A maior importância desses animais traz com ela expectativas mais altas com relação aos cuidados veterinários, que devem aliar a técnica de alto padrão à possibilidade de prolongamento da saúde e da vida animal pelo maior tempo possível. Entretanto, o que fazer quando a vida de um animal não pode ser prolongada com qualidade aceitável (Fernandez-Mehler *et al.*, 2013)?

O veterinário é a fonte de informações que os tutores consideram a mais confiável, inclusive para os tutores de animais de companhia idosos (Lai *et al.*, 2021). As principais necessidades desse grupo de tutores têm relação com decisões de final de vida, qualidade de vida e controle da dor (Heuberger *et al.*, 2016). A comunicação que envolve as decisões sobre essas questões é caótica e estressante para veterinários, clientes e pacientes (Heuberger *et al.*, 2016). Como aspecto complicador, a comunicação em decisões de final de vida faz com que o veterinário tenha que assumir papéis conflitantes, ora oferecendo opções para tentar salvar um animal, ora convencendo o cliente de que a eutanásia pode ser a opção mais adequada, ao mesmo tempo que se espera que ele demonstre apoio incondicional ao tutor. Essa oscilação entre diferentes papéis é confusa tanto para

o veterinário quanto para o cliente (Fernandez-Mehler *et al.*, 2013). Todos esses aspectos, juntos, dificultam a comunicação e o estabelecimento de uma conexão que deveria, idealmente, ser construída pelos veterinários muito antes de as decisões de final de vida serem cruciais (Heuberger *et al.*, 2016).

As decisões de final de vida

Há poucas informações sobre os conhecimentos, atitudes e crenças de tutores de animais relacionados às decisões de final de vida (Heuberger *et al.*, 2016). Os poucos estudos que exploraram isso podem ainda não ser suficientes para se criar uma cultura sólida de atendimento em geriatria, uma necessidade crescente (Fortney, 2012). Por exemplo, mesmo tutores que já tiveram experiência com a perda de seus animais apresentam conhecimento pequeno e pouco realista sobre decisões de final de vida, qualidade de vida e métodos para controle da dor, principalmente em termos de custos e viabilidade no longo prazo (Heuberger *et al.*, 2016). Uma das importantes conclusões de um estudo que analisou cuidados de final de vida em animais é a necessidade de educação dos tutores para que considerem a possibilidade de cuidados paliativos e compreendam o que é controle adequado da dor (Heuberger *et al.*, 2016). Em relação à eutanásia, pesquisas atuais sugerem que o veterinário se sente despreparado e confuso sobre como apoiar ou se comunicar com os tutores

antes, durante e depois do procedimento (Fernandez-Mehler *et al.*, 2013; Matte *et al.*, 2020; Cooney *et al.*, 2021).

Para a *American Animal Hospital Association* (AAHA), as decisões de final de vida, essenciais para animais idosos, “devem ser tão importantes e significativas quanto a soma do cuidado clínico oferecido durante todos os estágios de vida anterior do animal” (Bishop *et al.*, 2016, p. 341). Essas decisões deveriam ser baseadas na qualidade de vida (Rollin, 2006), embora esse seja um termo bastante subjetivo e influenciado por valores individuais (Isaacs, Preisz, 2021).

Se o veterinário não se sente confortável discutindo assuntos como a morte, cuidados paliativos e eutanásia, pode ser que os tutores estejam prontos para isso. Um achado inesperado no estudo de Fernandez-Mehler *et al.* (2013) foi que 68% dos clientes pensavam na perda do seu animal em algum momento da vida dele e esperavam que o veterinário abordasse questões relacionadas a esse assunto. Os veterinários, por sua vez, parecem não se sentir confortáveis em falar sobre morte na presença de um animal jovem e saudável (Fernandez-Mehler *et al.*, 2013). Essa abordagem, entretanto, parece essencial.



Pixabay

Na medicina humana, por exemplo, pesquisas identificaram que a confiança no médico, a comunicação efetiva e o cuidado respeitoso e compassivo estão entre as mais importantes expectativas dos cuidados de final de vida (Matte *et al.*, 2020). Nesses casos, a satisfação de pacientes e cuidadores está ligada à atuação de um médico acessível, competente, que se comunica bem e apresenta informações adequadas, dando apoio emocional e cuidado personalizado (Matte *et al.*, 2020). Adequar o atendimento para garantir que essas expectativas sejam satisfeitas seria um passo importante para o veterinário geriatra. É esse profissional preparado e capacitado para lidar com a comunicação de más notícias e outros diálogos desafiadores que pode fazer a diferença no atendimento de animais para os quais devem ser tomadas decisões de final de vida e para as pessoas que sofrem pela perda do seu animal (Matte *et al.*, 2020).

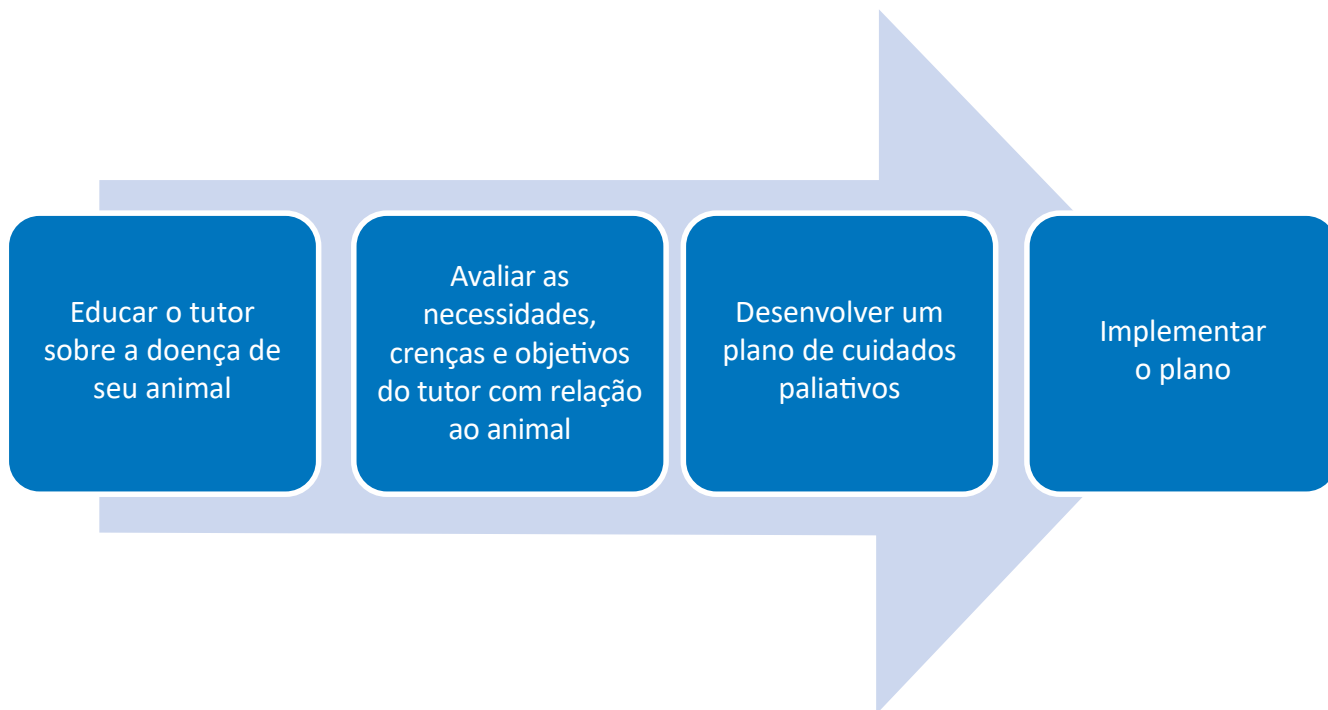
Embora, na medicina veterinária, a eutanásia seja uma opção para animais idosos ou criticamente enfermos, e muitas vezes a opção mais adequada para aliviar o sofrimento (Bishop *et al.*, 2016; AVMA, 2020), as práticas e os princípios dos cuidados paliativos começam a ser incorporados à veterinária, abraçando a ideia da “boa morte” na medicina paliativa humana (Selter *et al.*, 2022).

Cuidados paliativos em medicina veterinária

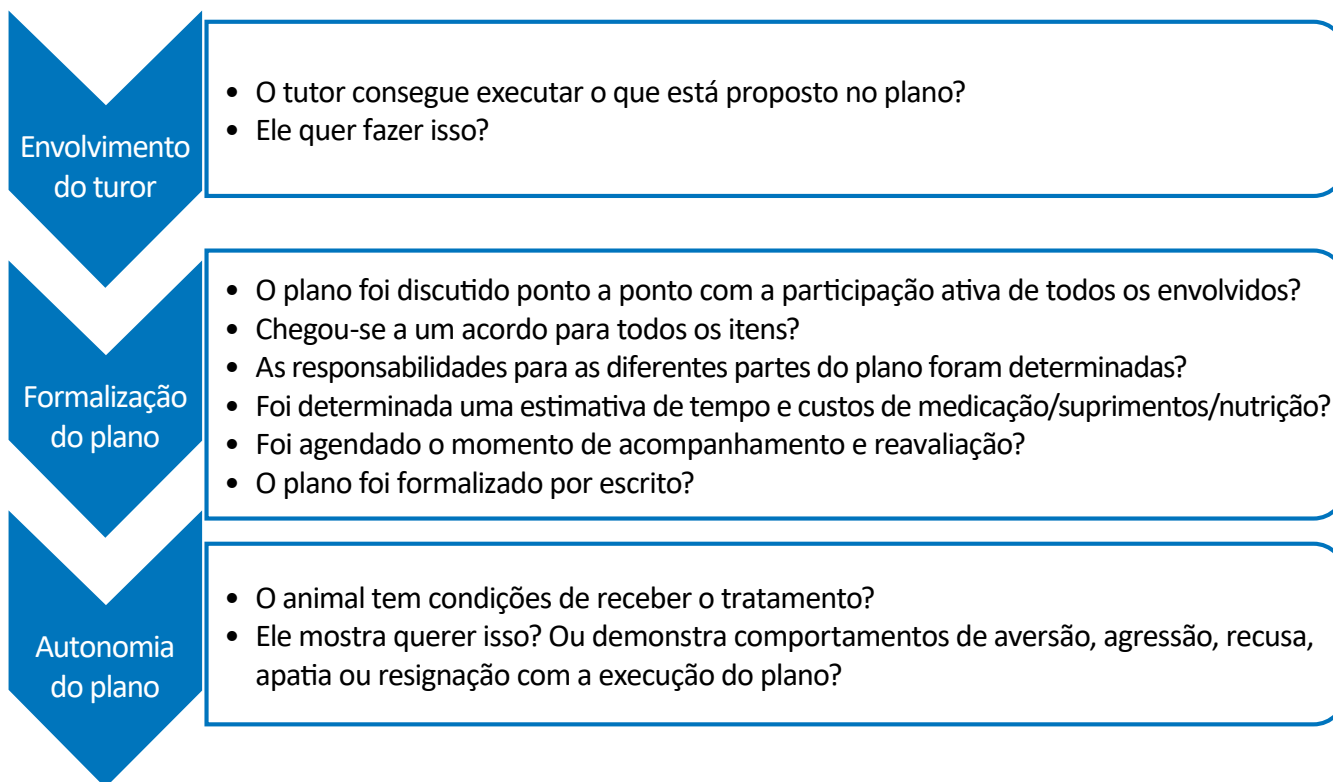
A filosofia dos cuidados paliativos em medicina veterinária, assim como na medicina humana, tenta abranger as necessidades físicas, emocionais e sociais dos animais que apresentam incapacidade ou doença progressiva que limita a qualidade de vida, assim como as necessidades espirituais, emocionais e sociais dos seus tutores. Seus objetivos são minimizar o sofrimento e maximizar o conforto dos animais do momento do diagnóstico da doença terminal até a morte, seja ela morte natural ou por meio de eutanásia (Bishop *et al.*, 2016).

Um plano de cuidados paliativos deve ser específico para o paciente e determinado em um processo colaborativo entre a equipe veterinária e o cliente, visando manter a qualidade de vida após o diagnóstico de uma doença terminal, a decisão de não buscar diagnóstico ou a decisão de não prosseguir com o tratamento curativo (Bishop *et al.*, 2016).

Os cuidados paliativos devem ser, preferencialmente, administrados em casa e devem incluir a educação do cliente sobre como fazer o tratamento, como avaliar a resposta do paciente e reconhecer sinais clínicos, além de como manejar com segurança as medicações e o animal para evitar lesões tanto para o cliente quanto para o animal. O local deve ser avaliado para garantir a segurança e o conforto do paciente durante os cuidados, com a discussão e a implementação de modificações no ambiente que sejam necessárias. A comunicação com a equipe veterinária deve ser regular e aberta (Bishop *et al.*, 2016). O desenvolvimento de um plano de cuidados paliativos envolve quatro passos, apresentados na **figura 1**. As perguntas essenciais que devem ser respondidas para o estabelecimento desse plano estão na **figura 2**.

Figura 1. O desenvolvimento de um plano de cuidados paliativos

Adaptada de: Bishop et al., 2016

Figura 2. Perguntas essenciais para o plano de cuidados paliativos

Adaptada de: Bishop et al., 2016

A hierarquia de componentes proposta pela AAHA para oferecer um ótimo cuidado paliativo para animais de companhia está apresentada na **figura 3**.

Figura 3. Pirâmide de cuidados paliativos



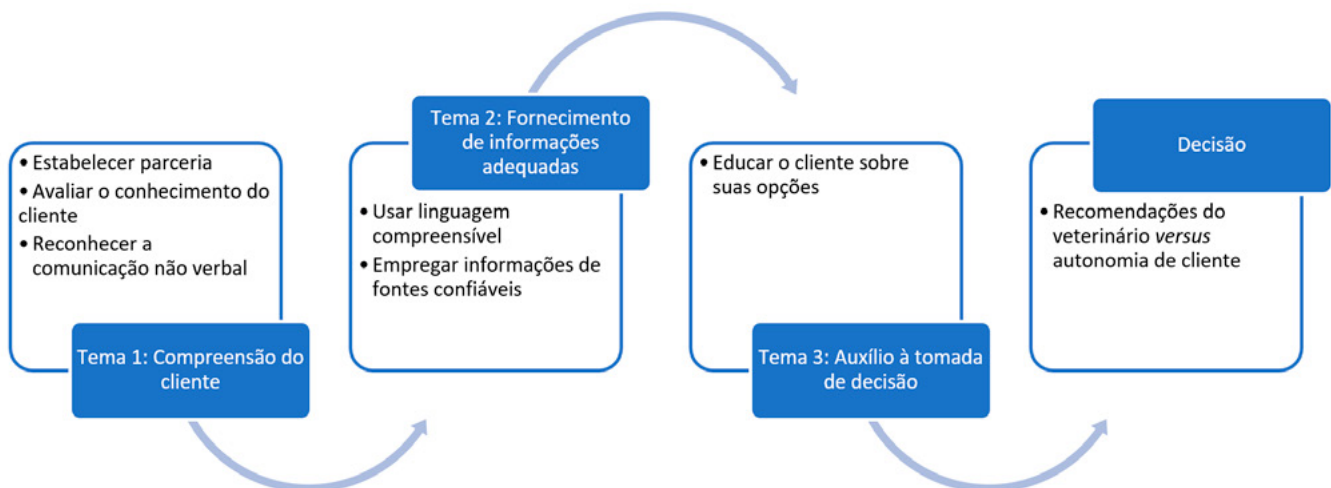
Adaptada de: Bishop *et al.*, 2016

Em relação à possibilidade da eutanásia do animal, se essa for a decisão, o procedimento deve ser discutido de forma clara e aberta, informando ao cliente exatamente o que ele pode presenciar, considerando seu nível de compreensão e suas percepções, fornecendo apoio emocional ou indicando apoio profissional, se isso for necessário.

Veterinários e a comunicação

O processo de tomada de decisão sobre a saúde e a vida animal é um dos aspectos mais complexos da interação entre veterinários e clientes (Janke *et al.*, 2021). Nesse quesito, a forma de comunicação usada pelo veterinário tem impacto direto no envolvimento do cliente na decisão e, conseqüentemente, na satisfação com o serviço prestado (Janke *et al.*, 2021). Um estudo mostrou temas e subtemas importantes na comunicação entre esses veterinários e seus clientes, como mostrado na **figura 4**.

Figura 4. Sequência da troca de informações e tomada de decisão no atendimento veterinário



Adaptada de: Janke *et al.*, 2021

A autoridade médica que os veterinários representam pode influenciar significativamente as decisões dos clientes. Entretanto, por saberem que têm a compreensão de qual seria o cuidado mais adequado para o animal, os veterinários podem preferir expressar seus próprios valores e crenças e não escutar as expectativas dos clientes. Nos diálogos carregados de emoção, como nas decisões de final de vida, os veterinários devem ter em mente que precisam garantir a confiança de seus clientes (Morgan, McDonald, 2007) e criar um espaço sempre aberto para a comunicação clara e segura.

Essa capacidade de comunicação é, essencialmente, uma habilidade aprendida (Becker et al., 2020). Para que ela se dê da melhor forma, veterinários e suas equipes podem e devem ser educados e capacitados (AVMA, 2020). Algumas das técnicas usadas por médicos de humanos na comunicação de más notícias podem também ser usadas por veterinários, como BAD, SPIKES ou VALUE (Becker et al., 2020), exemplificadas na tabela I. Essas técnicas criam o espaço necessário para a expressão das crenças, valores, preocupações e dúvidas e para a compreensão das opções (Becker et al., 2020).

Tabela I. Algumas estratégias usadas na comunicação médica para reduzir o fardo de informações difíceis

Sigla	Significado	
BAD	<i>Break bad news</i>	Apresentar as más notícias
	<i>Acknowledge the reaction</i>	Reconhecer a reação
	<i>Discuss the near future</i>	Discutir o futuro
SPIKES	<i>Setting up</i>	Preparar o encontro
	<i>Perception</i>	Compreender a percepção do paciente
	<i>Invitation</i>	Convidar para o diálogo
	<i>Knowledge</i>	Explicar os fatos clínicos e o tratamento
	<i>Emotions</i>	Acolher as emoções com empatia
	<i>Strategy and summary</i>	Sintetizar o diálogo e organizar as estratégias de cuidado
VALUE	<i>Value and appreciate family statements</i>	Valorizar o que é dito
	<i>Acknowledge family emotions</i>	Conhecer e acolher as emoções
	<i>Listen to the family and ask questions</i>	Escutar
	<i>Understand patient as a person</i>	Compreender o paciente antes do adoecimento
	<i>Elicit family questions</i>	Esclarecer as dúvidas

Adaptada de: Becker et al., 2020

Em uma sociedade que envelhece cada vez mais, a comunicação adequada para as decisões de final de vida é cada vez mais importante. A incorporação das necessidades e preferências individuais é crucial. Embora haja barreiras potenciais na condição das discussões sobre decisões de final de vida, deve-se investir tempo e esforço para otimizá-las. A comunicação proativa pode [...] diminuir o fardo psicológico dos pacientes e seus cuidadores. (Becker et al., 2020, p. 4).

A frase acima conclui um artigo sobre desafios na comunicação de decisões de final de vida em pacientes humanos. Mas ela se aplica claramente à realidade da veterinária. Temos a obrigação de melhorar a comunicação e a estrutura na qual as decisões de final da vida animal se apoiam, para o bem dos pacientes, dos clientes, dos veterinários e da profissão.

Referências bibliográficas

1. American Veterinary Medical Association (AVMA). The AVMA Guidelines for the Euthanasia of Animals: 2020 Edition. Disponível em: <https://www.avma.org/sites/default/files/2020-02/Guidelines-on-Euthanasia-2020.pdf>. Acesso em: 23 out. 2022.
2. Becker C, Beck K, Vincent A, Hunziker S. Communication challenges in end-of-life decisions. *Swiss Med Wkly*. 2020 Sep 18;150:w20351.
3. Bishop G, Cooney K, Cox S, Downing R, Mitchener K, Shanan A, et al. 2016 AAHA/IAAHPC End-of-Life Care Guidelines. *J Am Anim Hosp Assoc*. 2016 Nov/Dec;52(6):341-56.
4. Cooney KA, Kogan LR, Brooks SL, Ellis CA. Pet Owners' Expectations for Pet End-of-Life Support and After-Death Body Care: Exploration and Practical Applications. *Top Companion Anim Med*. 2021 Jun;43:100503.
5. Fernandez-Mehler P, Gloor P, Sager E, Lewis FI, Glaus TM. Veterinarians' role for pet owners facing pet loss. *Vet Rec*. 2013 May 25;172(21):555.
6. Fortney WD. Implementing a successful senior/geriatric health care program for veterinarians, veterinary technicians, and office managers. *Vet Clin North Am Small Anim Pract*. 2012 Jul;42(4):823-34, viii.
7. Heuberger R, Petty M, Huntingford J. Companion Animal Owner Perceptions, Knowledge, and Beliefs Regarding Pain Management in End-of-Life Care. *Top Companion Anim Med*. 2016 Dec;31(4):152-9.
8. Isaacs D, Preisz A. Suffering and end-of-life decision-making. *J Paediatr Child Health*. 2021 Sep;57(9):1356-9.

9. Janke N, Coe JB, Bernardo TM, Dewey CE, Stone EA. Pet owners' and veterinarians' perceptions of information exchange and clinical decision-making in companion animal practice. PLoS One. 2021 Feb 1;16(2):e0245632.
10. Lai N, Khosa D, Jones-Bitton A, Dewey C. Pet owners' online information searches and the perceived effects on interactions and relationships with their veterinarians. Veterinary Evidence. 2021;6(1).
11. Matte AR, Khosa DK, Coe JB, Meehan M, Niel L. Exploring pet owners' experiences and self-reported satisfaction and grief following companion animal euthanasia. Vet Rec. 2020 Dec 19;187(12):e122.
12. Morgan CA, McDonald M. Ethical dilemmas in veterinary medicine. Vet Clin North Am Small Anim Pract. 2007 Jan;37(1):165-79; abstract x.
13. Rollin BE. Euthanasia and quality of life. J Am Vet Med Assoc. 2006 Apr 1;228(7):1014-6.
14. Selter F, Persson K, Risse J, Kunzmann P, Neitzke G. Dying like a dog: the convergence of concepts of a good death in human and veterinary medicine. Med Health Care Philos. 2022 Mar;25(1):73-86.



NUTRIÇÃO

Por que a Endocrinologia e a Nutrologia são essenciais para o sucesso da Prevenção e do Tratamento das lesões em Equinos?

¹ Sofia Cicolo, Médica-Veterinária, CRMV-SP 37.195



Freepik

Palavras-chaves: Equinos; Endocrinologia; Nutrologia; Doenças; Tratamento.

Resumo: A autora aborda o tema relativo à inflamação sistêmica em cavalos de esporte não apenas na parte relativa a recuperação clínica ou cirúrgica destes animais mas também em seu desempenho. Para tal, a análise de fatores e doenças ligadas a endocrinologia e a nutrologia dos equinos vem ganhando destaque na Medicina Veterinária, à semelhança da Medicina Humana. Assim, mostra informações relevantes quanto a alimentação dos cavalos, nos dias de hoje, e no que se refere às doenças endócrinas como a resistência à insulina, a disfunção da pars intermedia da pituitária (PPID) e hiperlipidemia, propondo um manejo adequado com exercícios físicos, mudança do padrão alimentar e tratamento medicamentoso.

A medicina equina evoluiu muito rapidamente nos últimos dez anos com a utilização de terapias celulares, regenerativas e intervenções cirúrgicas. No entanto, as lesões continuam ocorrendo, principalmente nos cavalos de esporte, pois não

basta controlar a inflamação local, é preciso desinflamar o organismo do cavalo como um todo.

Quando falamos em inflamação sistêmica pensamos em nutrição e endocrinologia. Assim como na medicina humana, em medicina veterinária, também, estas especialidades vem ganhando destaque, pois são essenciais para melhorar o desempenho dos animais atletas e para o sucesso da recuperação clínica e cirúrgica dos equinos enfermos.

Nos equinos, existem três doenças endócrinas importantes: resistência à insulina, disfunção da pars intermedia da pituitária (PPID) e hiperlipidemia, com implicações nas alterações reprodutivas. Hoje sabemos que as doenças endócrinas se relacionam e que seus tratamentos envolvem medicação, mudança alimentar e alteração no protocolo de exercício.

E como elas ocorrem?

Os equinos evoluíram ao longo dos anos como animais que pastam por longas horas do dia e cuja base da alimentação é o capim, com muito carboidrato estrutural (celulose e pectina) e pouco carboidrato não estrutural (amido, entre outros). Com o passar do tempo mudou-se completamente o modo de vida desses animais: restringimos os cavalos em